

Eu e a língua portuguesa - Minha experiência de aprendizagem.

Manisa Salambote Clavert¹

Resumo: relato sobre a experiência de aquisição de língua portuguesa por falantes de línguas estrangeiras no Brasil.

Palavras-chave: aquisição de L2; contato entre línguas; preconceito lingüístico.

1. O Contato e a percepção de semelhanças

O meu primeiro contato com a língua portuguesa se fez de maneira inconsciente, ao mesmo tempo confuso. Tem-se na República Democrática do Congo (meu país de origem) além do francês que é a língua oficial do país, quatro línguas nacionais: *Kikongo, Lingala, Swahili e Tshiluba*, faladas nas diferentes províncias.

Quem consegue, nota o uso de algumas palavras portuguesas (ou palavras que encontram suas origens no português). Dessas palavras, algumas são mais ou menos bem pronunciadas enquanto outras não, por ter sofrido a influência do acento das línguas locais. Portanto, escutam-se palavras como *matabisi, kasimbu, kopo, kisabatu, etc.*

Foi somente na minha chegada a Maputo/Moçambique que percebi que aquelas palavras eram portuguesas. Então procurei saber como elas entraram no vocabulário das línguas locais do Congo.

Alguns anos antes da chegada dos belgas que colonizaram a República Democrática do Congo, os portugueses tentaram instalar-se para iniciar o processo da colonização. Infelizmente não conseguiram realizar essa sua missão, pois havia também etnias que os enfrentavam. De lá, dirigiram-se para os países do sul da República Democrática do Congo.

A partir já dessa sua passagem, o português foi visto como homem de negócio e comerciante. Ele vendia bacalhau, sal, sabão, produtos de limpeza e outros produtos. Além do que o povo comprava, o português dava uma pequena quantia a mais que ele mesmo chamava de mata-bicho. Desse uso e outros que vêm *matabisi* e tantas outras palavras nas línguas nacionais e dialetos da República Democrática Congo.

Em Moçambique, escutei o povo usando às vezes ao invés de “pequeno almoço” a palavra “mata-bico” do verbo *mata-bichar* para se referir ao café da manhã e também

¹ Mestrando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – USP.

para o lanche. Assim que fui entendendo e descobrindo a origem de muitas palavras: *matabisi*: mata-bico; *kasimbu*: cachimbo; *kopo*: copo; *kisabatu*: sábado, dentre outras.

O português criou certa mentalidade que hoje ainda é possível observar entre o povo, o pedido de *matabisi*. Acontece no *show*, se o público gostou muito da música cantada e dançada, ele pede se não for *bis* para a repetição da música inteira, é então *matabisi*. Daí, o cantor encontra-se na obrigação de cantar um trecho satisfatório ao seu público.

Escuta-se pronunciado com o acento francês, nomes dos portugueses como Cardoso, Nogueira dados a seus estabelecimentos de comércio. O que não é diferente com o nome do Eduardo Santos, o presidente de Angola, nomes de colegas de graduação e gente oriunda dos países lusófonos.

O músico congolês além da música e moda, ele é também uma pessoa que carrega uma bagagem cultural consistente. Nas suas canções escutam-se palavras estrangeiras ou mesmo trechos cantados em línguas estrangeiras. Entre essas línguas está também o português.

2. A aprendizagem

A experiência consciente de aprendizagem da língua portuguesa começou no ano 2000 em Maputo, a capital da República de Moçambique. Essa nobre experiência foi-me facilitada por dois fatores importantíssimos: primeiro, a própria proximidade entre o português e o francês, línguas irmãs provenientes do latim; segundo, o meu contato já com o latim estudado no colégio, e também por ter feito Filosofia e Letras tendo por disciplinas de opção latim, francês, inglês e filosofia.

O latim deu-me certa vantagem em relação aos colegas de viagem, quanto ao entendimento de palavras portuguesas ainda muito próximas do latim. Nesta primeira fase de aprendizagem, desenvolvi também uma sensibilidade que me ajudou a entender o que as pessoas falavam. Às vezes ligava a fala das palavras que era difícil para mim ao sentimento que elas manifestavam ou gestos que faziam.

Diante da televisão, escolhia um dos apresentadores que tinham programas freqüentes. Com eles fazia o exercício de escuta, que aos poucos me facilitava a familiarização com a fala dele até a transferência de escutar as pessoas nas ruas.

A maior chance que tive foi o encontro com a Sr^a. Stela, professora universitária, minha inesquecível mestra naquele período inicial de aprendizagem do português. Com

ela, aprendia não somente a língua, mas também as culturas moçambicanas. Eu tinha uma hora de aula na segunda-feira, duas horas quarta-feira e uma hora na sexta-feira. Nas tardes, a professora incluía-me em atividades da universidade, onde interagia as universitárias. Com essas, era ao mesmo tempo a continuação de aprendizagem do português para mim e uma diversão total para as meninas com a minha fala. Fiquei em Moçambique um ano e quatro meses.

3. A experiência no Brasil

Ao chegar ao Brasil em 2002, percebi logo no aeroporto que a fala das pessoas e até mesmo a própria língua portuguesa falada eram diferentes da de Moçambique. Escutei palavras que não tinha escutado em Moçambique. O mais complicado e difícil a entender foram os pronomes *você* e *vocês* e seu uso. Como se pode conjugar o verbo na terceira pessoa do singular para endereçar-se à segunda pessoa do singular? Como se pode conjugar o verbo na terceira pessoa do plural para endereçar-se à segunda pessoa do plural? Pelo olhar tinha a impressão de que as pessoas se endereçavam a mim, mas o verbo conjugado na terceira pessoa dava-me a certeza de que perguntavam a mim coisas para uma outra pessoa. E eu perguntava de quem tu estás (vos estás) a falar? Eis o início de toda confusão!

São Paulo, por ser uma cidade metropolitana, engloba pessoas que vêm de todos os cantos do Brasil, cada qual com o seu sotaque, gíria, palavras e expressões próprias. Até hoje tenho ainda dificuldade para entender pessoas provenientes de alguns estados longínquos de São Paulo.

No início dos meus estudos superiores no Brasil, tive maiores dificuldades em ler alguns livros cujos autores usavam uma linguagem figurada, que não me possibilitava rapidamente a sua interpretação e compreensão. Tinha que levar muito tempo para conseguir um resultado razoável. Aos poucos superava esta dificuldade cada vez mais que me dedicava às minhas leituras e à produção dos meus trabalhos acadêmicos. Hoje a cada dia que passa, sinto-me familiarizado com a língua portuguesa.